



Um ensaio de interpretação do “Assassinato de alma” a partir do quadro teórico de Wilfred Bion*

Clarice M. Averbuck**, Lyon

A partir da análise do artigo de Freud de 1911 sobre O caso Schreber, o autor discute conceitos metapsicológicos das estruturas psicóticas, buscando dar um sentido à fantasia de “assassinato de alma” – elemento nodal do delírio místico de Daniel-Paul Schreber, autor de Memórias de um doente dos nervos, utilizando como referência conceitos psicanalíticos de Wilfred Bion. Considerando a qualidade generativa da emoção – combustível da vida psíquica – sublinha-se a importância da natureza das interações precoces na origem da formação do pensamento e na origem dos fenômenos substanciais à deterioração da capacidade de pensar do Presidente Schreber. Assim, do vértice da teoria do pensamento e da teoria do conhecimento de W. Bion, são estudados os fenômenos que parecem implicar na destruição da capacidade de pensar de Schreber: os ataques aos vínculos, os elementos de anti-emoção que se opõem às experiências de crescimento, envenenam seu espírito, mortificam sua alma, aprisionando-o num círculo deletéreo, na obediência compulsiva a um supra-ego destrutivo. A partir da análise da noção de “transformações”, são examinados a ação subversiva das idéias novas e os efeitos catastróficos das mudanças – fatores desencadeantes da descompensação psicótica, em sua estrutura frágil, marcada pela natureza traumática dos vínculos precoces com ambos os pais. O estudo

* Estudo realizado para o seminário “Metapsicologia das principais estruturas psicopatológicas” sob a coordenação de Henri Vermorel, Martine Janin, Christian Seulin e Christian Vasseur. (Lyon, abril, 1999)
** Grupo Lionês de Psicanálise – Sociedade Psicanalítica de Paris.





Clarice M. Averbuck

das partes psicóticas da personalidade abre a questões de interesse clínico e técnico para o analista e o solicita em sua negatividade para acolher os aspectos primitivos de seu paciente, que contêm também seu desejo de viver e de comunicar-se.

“A verdade terá a última palavra? Como gostaríamos de sabê-lo com certeza...”

Pierre Vidal-Naquet

Introdução

“O sentido da verdade é tão fundamental para o indivíduo quanto o fato de comer, beber, respirar ou eliminar dejetos. A incapacidade de comer, beber, ou respirar bem tem conseqüências desastrosas para a vida mesma. Mas a *incapacidade de utilizar a experiência emocional provoca um desastre de igual grandeza no desenvolvimento da personalidade*; eu incluo nesses desastres os diferentes graus de degeneração psicótica que se poderiam descrever como *morte da personalidade*.” Bion, *Learning from experience*, 1962, tr.fr. *Aux sources de l'expérience*, 1979, p.59.

No âmbito do seminário sobre a “Metapsicologia das principais estruturas psicopatológicas”, centrado no estudo da paranóia, Henri Vermorel reinscreve a questão aberta por Freud sobre o sentido do “assassinato de alma” no caso do Presidente da Corte de Apelação de Saxônia, Daniel-Paul Schreber. Essa questão coloca-se como “enigma” para Freud, que busca elucidá-la ao longo de seu trabalho sobre as *Memórias* do presidente, quando ele decifra seu delírio místico e escava as fundações para a compreensão psicanalítica das psicoses: “Nos alegraríamos em saber mais sobre o significado desse ‘assassinato de alma’, mas nesse ponto nossas fontes mais uma vez recaem num silêncio tendencioso (Freud alude à censura sofrida por *Memórias de um neuropata*, quando de sua publicação em 1903) ... Em resultado dessa omissão, deixam-nos às escuras sobre a questão do que significa ‘assassinato de alma’” (S. Freud, 1911, p.57).¹

1. Nas citações de Freud foi utilizada a tradução da Edição Standard Brasileira de suas obras completas (N. da T.)





Adiante ele vai mencionar a “única alusão sobre esse assunto que escapou à censura”: “Flechsigt tentou cometer assassinato de alma contra ele (Schreber). Como já sabemos, o próprio paciente não foi claro quanto à natureza real desse crime, mas a mesma estava ligada a questões de discrição que impediram sua publicação (como percebemos pelo terceiro capítulo suprimido). A partir deste ponto, um único fio conduz-nos à frente. Schreber ilustra a natureza do assassinato de alma referindo-se às lendas corporificadas no *Fausto* de Goethe, no *Manfred* de Byron, no *Freischütz* de Weber (...) e procurei em vão a expressão ‘assassinato de alma’” (Freud, op. cit. p. 63-64).

É, pois, a partir do artigo de Freud de 1911, “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia” (Dementia paranoïdes) (cf. passagens acima) que discutiremos conceitos metapsicológicos das estruturas psicóticas, adotando como nossa a questão da “morte de alma”.

Tentaremos comunicar de que modo damos um sentido a essa fantasia onipotente de Schreber através de algumas hipóteses que se impõem ao nosso espírito, aqui e ali impregnado e certamente sustentado pelo pensamento de W. Bion.

Do vértice de sua referência teórica, queremos estudar os fenômenos que parecem implicar na destruição da capacidade de pensar do Presidente Schreber, os elementos de ataques aos elos de ligação (anti-emoção) que se opõem à experiência emocional de crescimento, mortificam seu espírito, *assassinam sua “alma”*.

Para isso recorremos a dois pontos maiores da contribuição de Bion à psicanálise, representados por sua *teoria do pensamento e sua teoria do conhecimento*. Com Bion, a psicanálise interessa-se pelo aprendizado do pensamento cuja origem consiste na possibilidade de aprender pela experiência emocional. Para que o bebê possa aprender a pensar, é preciso que possa interiorizar a relação com uma mãe capaz de revêrie, introjetando um seio pensante. É sua visão epistemológica da função parental.

O ato de pensar não se dá por si: deve-se aprender a pensar. O bebê não poderá realizar funções mentais e dispor de um “aparelho para pensar os pensamentos” a não ser que a mãe, antes, por sua capacidade intuitiva de elaboração onírica, possa ela própria realizar essas funções. O aprendizado do bebê resulta, em grande parte, de sua possibilidade de interiorizar gradualmente essas funções de ligação. A introjeção não se limita à do objeto continente; ela comporta também a *introjeção da relação* de comunicação entre ambos os elementos do par mãe-bebê.

Nas palavras de Léon Grinberg (1991, p.62), no psiquismo do bebê fica interiorizado “um par feliz” constituído, de um lado, por uma mãe receptiva (continente), “apta a metabolizar os sentimentos projetados pela criança”, e, de outro, constituído pela criança mesma, “com suas emoções diferentes (conteúdo) colocadas por identi-





ficação projetiva no interior da mãe”. Em 1984, em “Dimensiones metapsicológicas y clínicas del pensamiento de Wilfred Bion” – artigo retomado na sua obra de 1996, p.137 –, Grinberg já explicitara a natureza fundamental da relação de continência: “(...) tratar-se-ia de uma relação cuja essência é a compreensão mais que a gratificação, o fracasso da compreensão mais que a frustração.” Nesse sentido, Bion considera que “a fraqueza do bebê e sua dependência da mãe são fundamentais para o desenvolvimento do pensamento. Se as experiências emocionais não são digeridas, o espírito se envenena e se destrói” (M. Perez Sanchez, 1994, p.76).

Rosela Sandri chama a atenção para a escolha de Bion dos dois símbolos “feminino” e “masculino” (♀ ♂) para representar a relação de continência, à semelhança de um par fecundo que pode “criar” com seu amor uma vida nova. Se acompanharmos Bion em seu trajeto, veremos que o que é gerado pela interação continente-conteúdo é o “sentido” (1991, pp.60-61)

Hanna Segal observa que, se o conceito de “continente” e “conteúdo” corresponde a “uma relação estritamente a dois”, com a emergência do pensamento simbólico na aproximação da integração depressiva, coloca-se o estatuto do terceiro objeto. Ela nos remete a Bion (1970), segundo o qual a boa relação de continência “dá lugar a um terceiro objeto de um modo que os dois objetos partilham um terceiro com vantagem para os três” (Segal, 1993, p.113).

De fato podemos dizer que a teoria da aprendizagem pela experiência descreve uma gênese: *a derivação de diferentes formas de pensamento a partir de uma experiência fonte.*

Na mesma época em que Bion formulava sua teoria do pensamento (1962), Esther Bick, sem contato direto com ele, apresentava suas conclusões sobre a experiência da pele nas relações de objeto precoces. Sua tese, apresentada em 1967, era que “sob sua forma mais primitiva, as partes da personalidade são sentidas como não tendo nenhuma força de ligação entre elas e devem, por isso, ser mantidas passivamente juntas graças à pele que faz a função de limite. Mas essa função interna de conter as partes do self depende, originalmente, da introjeção de um objeto externo, reconhecido como apto a preencher essa função. Ulteriormente, *a identificação com essa função*² do objeto substitui o estado de não integração e permite a fantasia dos espaços interno e externo” (1998, p.135). Essa noção de continência da pele-envelope foi desenvolvida na França por Didier Anzieu: por ego-pele ele “designa uma figuração da qual o ego da criança se serve ao longo das fases precoces de seu desenvolvimento, para se representar ele mesmo como ego continente dos conteúdos psíquicos a partir de sua experiência da superfície do corpo” (1985, p.39).

2. Grifo meu.





A noção de um espaço receptivo de continência interiorizado no ego, proposta por Bion, parece ter inspirado os conceitos metapsicológicos de André Green (1983, p.246) sobre *o apagamento do objeto primário* e sobre *a estrutura enquadrante*: a formação de uma matriz primordial constituindo um receptáculo do ego, produto do apagamento do objeto materno, “quando o amor do objeto é suficientemente seguro para desempenhar esse papel de espaço representativo”, espaço que circunscreve “um campo vazio a ser ocupado pelos investimentos eróticos e agressivos sob a forma de representações de objetos.”

A formulação de um conceito de campo “vazio” encontra-se na fonte da metapsicologia de Wilfred Bion. Por “*pensamento vazio*”, expressão extraída do filósofo Kant, Bion conceituava um estado equivalente ao de uma pré-concepção que não teria ainda sido ocupada por uma realização (Zimerman, 1991, p.63). É o estado de espera. Ele retoma, pois, a hipótese filogenética formulada por Melanie Klein da expectativa inata do seio, expectativa essa considerada por ele como uma pré-concepção. “Desse ponto de vista, o objeto externo vem ocupar um lugar que lhe estava predestinado, onde ele era esperado, e essa espera do objeto realiza já uma certa forma de investimento e um certo modo de conhecimento” (Mazet e Houzel, 1996, p.19). Na sua teoria do desenvolvimento dos pensamentos, a pré-concepção constitui o primeiro estágio. O “pensamento vazio”, ou pré-concepção, “pode ser pensado, mas não pode ser conhecido” (Bion, 1962).

O conceito de elemento não-saturado serve de apoio à proposição de Bion (1970) concernente à atitude do analista na sessão, *sem memória e sem desejo*. Aqui encontramos a influência de Freud (*Recomendações aos médicos... 1912*) a propósito da regra fundamental sobre a *atenção flutuante*: “(...) não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma ‘atenção uniformemente suspensa’ (*como a denomi-nei*) em face de tudo o que se escuta. (...) abandonar-se inteiramente à ‘memória inconsciente.’ Ou, para dizê-lo puramente em termos técnicos: ‘Ele deve simplesmente escutar e não se preocupar se está se lembrando de alguma coisa’”(op. cit., p.149-150). Bion, nas conferências em Los Angeles, disse que a atenção flutuante tal como Freud a descreveu se tratava da melhor expressão que ele jamais conhecera. Em *A opacidade da memória e do desejo* (1970), lembra que “Freud, em uma carta a Lou Andréas-Salomé, deu uma idéia de seu método para atingir um estado de espírito que proporcionaria vantagens compensadoras da obscuridade, quando o objeto de estudo fosse particularmente obscuro. Ele fala de nos tornarmos artificialmente cegos”.

Em 1962, Bion já sustentara que “...a capacidade de se lembrar do que o paciente disse devia acompanhar-se da faculdade de se esquecer, de modo a não se mascarar por um excesso de percepções ou de concepções errôneas (“mis-concep-





Clarice M. Averbuck

tions”) o fato de que cada sessão é uma nova sessão e, como tal, uma situação desconhecida exigindo a investigação psicanalítica. E no entanto, o analista deve contar com o conhecimento do paciente e as descobertas e os trabalhos de seus predecessores. Isso não faz senão reforçar a necessidade de se dispor de uma estrutura sólida, de um quadro teórico da psicanálise, capaz de uma flexibilidade de ação” (op. cit.,57).

No processo analítico, a *estrutura enquadrante*, além do setting propriamente dito, é constituída pelo espírito não-saturado do analista para com-preender seu paciente. Do lado desse, o mesmo estado de espírito permite-lhe aprender com a experiência e facilita-lhe o crescimento. O encontro dos dois psiquismos suficientemente abertos para se deixarem impregnar pela emoção assegura a representação do teatro do paciente: o universo de relações dos objetos internos com seus componentes eróticos e agressivos.

A dúvida tolerada é o suporte da “construção” da análise: “Um paciente que ataca tudo que faz vínculos manifestará seu descontentamento diante da aptidão do analista a preservar uma atitude de dúvida e fará esforços constantes para despertar os desejos e a memória do analista” (Bion, 1959, p.175).

Essa atitude requisitada pela análise, a fim de que possa realizar-se a investigação psicanalítica, remete-nos à atitude de observação descrita por Annik Comby como uma *receptividade viva em estado de pensamento* na qual “as informações são recolhidas do ponto de vista das capacidades humanas de ressonância emocional”. Esse “trabalho de receptividade e pensamento” é “próximo daquilo que Bion chamou de ‘capacidade de rêverie’” (Comby, 1990, pp.51-52).

Na teoria de Bion, a *emoção* situa-se no cerne do processo de desenvolvimento, é o “combustível” (Sandri, 1991) da vida psíquica, o terreno de uma “receptividade viva” (Comby, 1990), “o núcleo da significação no espírito humano” (Perez Sanchez, 1994). Para ele, as emoções (Meltzer,1994) são os materiais que permitem que os elos de ligação se criem e continuem. Adversária do crescimento é, antes de tudo, alguma coisa que se opõe à experiência emocional, isto é, as anti-emoções. Meltzer considera que a nova oposição, não mais entre amor e ódio, mas entre a emoção e a anti-emoção, corresponde em um certo sentido à oposição entre o quente e o frio. Encontramos aqui uma relação de sentido entre a anti-emoção e a falta de excitação que desconhece a necessidade da criança e provoca uma grave agressão narcísica constitutiva do “núcleo frio” do traumatismo descrito por Claude Janin (1996, p39-40), núcleo frio revertendo, em um segundo tempo, em “núcleo quente” (demasiada excitação e vice-versa).

De acordo com Bion, “não se pode conceber uma experiência emocional isolada de uma relação” (1962, p.60). O elo de ligação entre os pensamentos e as emoções inerente a toda relação humana, Bion nomeia-o “vínculo K” (inicial de





“knowledge”), isto é, o vínculo do conhecimento. Leon Grinberg (1991, p.100) considera que “a encruzilhada que se coloca à personalidade no desenvolvimento do conhecimento de si mesma e, por extensão, no desenvolvimento de outros conhecimentos é suportar ou não a frustração inerente à experiência chamada vínculo K”.

A teoria do pensamento: antecedentes

Em sua obra *Nova introdução às idéias de Bion*, Leon Grinberg lembra ter sido Freud o primeiro a se ocupar dos distúrbios do pensamento do ponto de vista psicanalítico. Ao longo de sua obra toda, manifesta-se a importância dada por ele à fantasia inconsciente e ao desejo na gênese, evolução e conteúdo do pensamento. Em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911), Freud reflete sobre a origem do pensamento e sua função de restrição da descarga motriz e de diminuição do crescimento da tensão devida ao adiamento da descarga. Bion inspirou-se bastante nos conceitos de Freud enunciados nas *Formulações dos dois princípios*, que trata dos princípios do prazer e da realidade e refere ainda passagens de *O ego e o id* (1923) e *Neurose e psicose* (1924).

Zimerman (1995, p.89) sintetiza os pontos essenciais da formação do pensamento colocados por Freud: a ausência ou privação do objeto necessitado, a frustração, a impossibilidade real de compensá-la com a gratificação alucinatória, a internalização do objeto faltante através das representações no ego, a busca de modificações do mundo real através de pensamentos e, a partir desses, por meio das ações. A contribuição mais importante de Freud para a teoria dos distúrbios do pensamento foi sua descrição totalmente original do processo primário inerente ao princípio do prazer e do processo secundário em relação com o princípio da realidade determinando a formação do pensamento verbal, via de acesso ao autoconhecimento.

Bion enriquece-se também da teoria kleiniana. Nessa filiação, tendo uma concepção da psicose infantil, vai reunir e sistematizar idéias centrais de Melanie Klein e de seus discípulos, introduzindo novas perspectivas e propondo algumas modificações. Ainda com Zimerman (1995), notamos que vai levar em conta as noções de cisão e de identificação projetiva, a passagem da posição esquizoparanóide à posição depressiva e vice-versa, a importância da relação com o objeto externo, a formação dos símbolos e outras concepções metapsicológicas de M. Klein: a importância da inveja primária e dos ataques destrutivos, a formação de um superego primitivo, o conflito entre a pulsão epistemológica e o sentimento de onipotência e sua hipótese sobre a expectativa inata do seio. A partir dos conceitos de M. Klein, Bion desenvolve suas idéias originais sobre os mecanismos psicóticos nos grupos e manifestos nas





Clarice M. Averbuck

psicoses com repercussões nas funções do ego, tais como o pensamento, a linguagem e a capacidade de conhecimento. Uma nova dimensão se introduz em certos conceitos como a da interação dinâmica permanente e oscilatória entre posição esquizoparanóide e posição depressiva, a da existência da identificação projetiva realista como meio de comunicação primitiva, de “reestruturação do ego” de preferência à noção de reparação, a natureza e a formação do símbolo consideradas de um novo vértice.

Após os períodos de pesquisa sobre grupos e psicoses, Bion entra no período epistemológico. É a partir de sua própria teoria do pensamento que sua originalidade de observação e de pensamento vai eclodir, nas palavras de Meltzer: “terreno não abordado por Melanie Klein e não alimentado por um trabalho clínico no Freud teórico. É um completo mistério que Freud tenha consagrado tão pouca atenção às implicações das *Memórias* de Schreber nessa direção; não é menos misterioso constatar a ausência de referência de Bion a este mesmo caso” (Meltzer, 1994, p.399).

Para se estudar o caso Schreber à luz de Bion, não podemos silenciar o comentário a propósito feito por M. Klein, em 1946, como apêndice de seu trabalho, *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides*, em que formula certas conclusões em relação aos mecanismos esquizóides e acrescenta à noção de “clivagem do objeto” evidenciada por Freud a de “clivagem do ego” e sua relação com os processos de introjeção. Ela demonstra que o conflito entre Schreber e Flechsig, ao qual Freud atribui um papel essencial no delírio do fim do mundo e que se expressa na expedição de Deus “contra as almas-Flechsig”, ilustra também um mecanismo esquizóide. Essa expedição (“catástrofe universal”) que culmina na redução das almas-Flechsig a uma ou duas, fazia parte de uma tentativa de cura: anular ou curar a cisão do ego destruindo suas partes cindidas. Tentativa que se efetua, no entanto, com o auxílio de meios muito destrutivos utilizados pelo ego contra ele mesmo e contra seus objetos interiorizados (M. Klein, 1946, p.298-300).

O “assassinato de alma” no psicótico

“Do ódio às emoções ao ódio da própria vida, não há senão um passo”

Wilfred Bion, *Réflexion Faite*, p.50

Quem quer que tome contato com a história de Daniel-Paul Schreber e com os métodos educativos preconizados por seu pai, o Dr. Daniel Gottlib Moritz Schreber, consagrados à “salvação” das futuras gerações (métodos que, exacerbados ou sofisticados, se reencontram nas doutrinas nazistas), é de saída solicitado, reflexão feita,





por questões concernentes ao “filicídio”.

O tema do “filicídio” foi tratado de modo fecundo por Arnaldo Rascovsky desde 1947 (“O filicídio e sua significação na gênese da atuação e da condição psicopática de Édipo, *Revista de Psicoanálisis*, T. XXIV). Em 1970 publica “A matança dos filhos” e logo outros artigos entre os quais “Holocausto” e “Filicídio e guerra” nos quais estuda a proibição do incesto na gênese do processo sócio-cultural, atraindo a atenção para a indução paranóide no interior desse processo.

No que concerne à paranóia, desde Freud a psicanálise interessou-se muito pelo “caso” Schreber e deu um lugar importante ao estudo da relação pai-filho na gênese da homossexualidade e da estrutura do paranóico. Menos importante foi o lugar dado à relação materna na discussão de *Memórias*, a pobreza de documentos sobre o assunto tendo contribuído para isso.

Sublinhamos a esse propósito o artigo de J. Chasseguet-Smirgel (1960) e o de Botella (1992) tratado por M. F. Philippe Duroux neste seminário. Deve-se lembrar o artigo de Robert White (1961) intitulado “O conflito com a mãe na psicose de Schreber”, para quem a análise das *Memórias* mostra que representações simbólicas disfarçadas da mãe e impulsos orais primitivos destrutivos e dependentes eram dominantes: a fusão das imagens da mãe e do pai no Deus de Schreber traduzindo a invasão pelo pai no papel e nas funções maternas na primeira infância de Daniel, a mãe permanecendo, a despeito da importância da imagem do pai, a personagem principal em seus conflitos: A “arte da renúncia” preconizada pelo dr. Schreber, a ser ensinada às crianças durante os primeiros anos, ditava que a mãe ou empregada comeria ou beberia tudo o que desejasse, sempre segurando o bebê. Esse poderia implorar ou chorar o quanto pudesse, nada lhe seria dado além de suas três refeições regulares em horário fixo. “É difícil imaginar um meio melhor para despertar a raiva, a desconfiança e a inveja destrutiva invasiva e ávida de satisfações orais dependentes” (White, 1961, p.373).

Sabemos que para Bion os distúrbios psicóticos têm sua fonte na interação do contexto (ausência de continência maternal ou de um meio continente, associado na mãe a uma inaptidão para a rêverie) e da personalidade (uma intolerância inata à frustração na presença de pulsões destrutivas exacerbadas na criança).

Acompanhando seu método de trabalho para estabelecer a diferença das personalidades psicóticas e não psicóticas, por enquanto colocamos entre parênteses o meio em que se inscreve a personalidade do Presidente Schreber e dirigimos nossa atenção para os aspectos de sua personalidade que ilustram os traços da psicose. A interpretação, pois, que propomos do “assassinato de alma” mantém-se aqui em uma perspectiva que se consideraria quase fenomenológica, seguindo a idéia de Bion quando explora os mecanismos que dão nascimento aos fenômenos clínicos.





Clarice M. Averbuck

A interação de Schreber com seu meio inscreve de saída uma dimensão de sentido na qual os temas “d’envie³ d’enfant” (desejo de gravidez) – como sugeriu Henri Vermorel no curso de nossos seminários – e do filicídio são necessariamente matéria prima. A natureza traumática dos vínculos precoces pais-crianças, rígidos e de caráter sádico, o encerraram em seu sistema adaptativo profundamente psicótico. Não se há de perder de vista essa questão a ser comentada adiante e que põe em evidência os limites e, com freqüência, a impotência a que se encontra sujeita a personalidade face aos avatares de sua própria história, inscrita ela também nos avatares de uma saga transgeracional...

Ouçamos Bion sobre os fenômenos observados na clínica: “A diferenciação das personalidades psicótica e não psicótica repousa sobre uma cisão em fragmentos ínfimos de toda essa parte da personalidade que se relaciona com a tomada de consciência da realidade interna e externa e sobre uma expulsão tão intensa desses fragmentos que eles penetram em seus objetos ou são submergidos por eles...” (1957, p.51).

Na sua análise do trabalho de Bion com psicóticos, Zimmerman (1995, p.80) lembra que aquele parte de M. Klein (sentimento de destruição, aniquilamento do ego pela ação da pulsão de morte) para formular sua concepção de um ataque contra a realidade interna. Ele comenta que, segundo Bion, a violência do ataque visa aos elos que vinculam as diferentes fantasias e que vinculam essas à realidade. Resulta disso que o psicótico “vive num mundo fragmentado, sem uma conjunção e discriminação das partes diferentes dele mesmo ou entre os objetos diferentes. Esse paciente sente-se aterrorizado, cercado e ameaçado por fragmentos de objetos estranhos e bizarros e tudo isso nos lembra o que Freud, em 1911, no caso Schreber, aludiu como sendo a sensação de ‘catástrofe mundial’”.

Retomemos o processo descrito por Bion detalhando-o. Segundo ele (*Réflexion faite*, p.43-44), a personalidade psicótica supõe a existência de quatro traços fundamentais: a preponderância de pulsões destrutivas tão fortes, que a própria pulsão de amor é impregnada e devolvida em sadismo (conflito jamais resolvido entre as pulsões de vida e morte); o ódio à realidade, que, conforme Freud, se estende a todos os aspectos da mente que levam a sua tomada de consciência, a que Bion acrescenta o ódio à realidade interna e a tudo que leve à consciência dessa realidade interna. Em consequência desses dois traços, o terror ininterrupto de uma aniquilação iminente (semelhante à ameaça de “catástrofe universal” de Schreber); em fim, uma relação de objeto tênue, mas tenaz, (remetemos particularmente à transferência de Schreber para com seu médico, Flechsig, e sua relação com seu Deus, representante de uma entida-

3. *Envie* – em seu sentido de *desejo* e de *cobiça* condensados em uma única palavra em língua francesa.





de superegóica de caráter destruidor). A prematuridade, fragilidade e tenacidade da transferência, patognomônicas da psicose, derivam também do terror de uma aniquilação pela pulsão de morte. Esse conjunto de disposições tem por efeito uma progressão particular da personalidade psicótica através das posições esquizoparanóide e depressiva. Isso pelo fato de que a combinação dessas características leva a uma utilização maciça da identificação projetiva.

Hanna Segal (1981) cita as observações de Bion (1957) a propósito do que ele chama de sonhos de evacuações. Segundo ela, “delírios, alucinação, eventos noturnos que poderiam responder pela denominação de sonhos têm, com frequência, o mesmo valor psíquico”. Esses sonhos, utilizados na análise de modo disruptivo, evacuam efetivamente, por vezes com sucesso, algo da percepção interna do paciente, permitindo-lhe economizar um trabalho de elaboração e de aquisição de um insight. Segal observa que sua atenção é cada vez mais atraída para a forma e a função do sonho do que para seu conteúdo. É antes nessa função de descarga que tendemos a compreender a produção *das Mémoires* de Schreber.

Pomos em evidência a relação entre a “*compulsão a pensar*” de Schreber (para escapar da destruição de seu pensamento por Deus) e sua “necessidade de evacuar” (necessidade miraculizada por Deus com o objetivo da destruição do pensamento), configuração delirante que nos aparece como modelo exemplar do uso maciço da identificação projetiva simultaneamente pelo processo que ela desdobra e pelo conteúdo que ela exhibe: *sua mente transformada em “esfíncter”*.

“Entretanto, como resultado da má compreensão que Deus tem dos homens vivos (Freud fazia referência à acusação amarga de Schreber contra Deus que, acostumado a ter relações apenas com defuntos, não compreende os vivos), foi-lhe possível tornar-se o instigador da conspiração contra Schreber, tomá-lo por idiota e submetê-lo a essas severas provações (p.264). Para evitar ser considerado um idiota, ele se submeteu a um sistema extremamente fatigante de ‘pensamento forçado’, pois ‘cada vez que minhas atividades intelectuais cessavam, Deus chegava à conclusão de que minhas faculdades mentais achavam-se extintas e que a destruição de meu entendimento (a idiotia), pela qual Ele esperava, havia-se realmente estabelecido, e que uma retirada se tornara agora possível’ (206).

O comportamento de Deus na questão da premência de evacuar (ou ‘c...r’) leva-o a um grau especialmente alto de indignação. A passagem é tão característica que a citarei na íntegra” (Freud, 1911, p.42).

Freud discute longamente a idéia que Schreber tem de Deus, “com uma mistu-





Clarice M. Averbuck

ra de adoração e revolta”, mas ele não retira daí conseqüências para certos fenômenos do pensamento delirante em si. Segundo Bion, no psicótico, “a tentativa de pensar que é uma parte central do processo total de reparação do ego implica em modos pré-verbais primitivos que sofreram uma mutilação e identificação projetiva. O que significa que as partículas expulsas do ego, e aquilo que se lhes agregue, devem ser trazidas sob controle e, por conseqüência, na personalidade. A identificação projetiva é, pois, invertida e seus objetos trazidos pela mesma via que tinham seguido no momento de sua expulsão. O que um paciente traduz dizendo que ele era obrigado a se servir de seu intestino e não de seu cérebro para pensar” (Bion, 1957, p.70-71).

Para melhor analisar esses aspectos do ego mutilados e identificados projetivamente no(s) objeto(s), retomamos as conclusões de M. Klein (1946, p.298) sobre mecanismos esquizóides a propósito de Schreber. Sua hipótese, já o dissemos, foi que a divisão da alma–Flehsig em numerosas almas não era somente uma cisão do objeto, mas também uma projeção do sentimento de Schreber de que seu ego estava cindido. Ela sublinhou a relação desse processo de cisão com o da introjeção: Deus e Flehsig representariam também partes do *self* de Schreber. A “expedição” de Deus contra as almas representaria o aniquilamento de todas as partes do *self* por uma delas, o que é, segundo sustenta M. Klein, um mecanismo esquizóide.

Bion sugere que, na psicose, fantasias infantis de ataques sádicos similares a essas dirigidas contra o seio no começo da vida são dirigidas ao aparelho da percepção. “Essa parte da personalidade é cortada, cindida em fragmentos ínfimos, depois expulsa por meio da identificação projetiva. Tendo-se assim livrado do aparelho de tomada de consciência da realidade externa e interna, o paciente chega a um estado em que ele tem o sentimento de não estar nem vivo nem morto” (Bion, p.246).

“(...) Schreber convenceu-se da iminência de uma grande catástrofe, do fim do mundo (...) Ele próprio era ‘o único homem real deixado vivo’ e as poucas formas humanas que ainda via – o médico, os assistentes, os outros pacientes – explicava-as como ‘miraculadas, homens apressadamente improvisados.’ Ocasionalmente, a corrente inversa de sentimento também aparecia: foi colocado em suas mãos um jornal no qual havia um comunicado de sua própria morte (81); ele próprio existia sob forma secundária, inferior, e sob esta forma secundária, certo dia tranqüilamente faleceu (73)” (Freud, op. cit. p.92).

A “catástrofe universal se faz iminente” em seguida à incursão sobre as almas (o aniquilamento de todas as partes da personalidade por uma entre elas descrito por Klein) que se multiplicam ao ponto de se tornarem uma calamidade. Esses fragmentos ínfimos, constituídos por frações de almas, correspondem, segundo pensamos, aos *objetos bizarros* descritos por Bion. Ele demonstra que, em sua clínica, o objeto bizarro é marcado pelas características do superego e é o que mais se aproxima da





coisa-em-si correspondente a seu conceito de elemento beta (Bion, 1962). “Na fantasia do paciente, as partículas expulsas do ego levam uma existência independente e não controlada fora da personalidade. (...) Em conseqüência, o paciente sente-se circundado por objetos bizarros” (Bion, p.56).

Para Schreber, após a fase paroxística de fragmentação do ego e de seus objetos pela “incurção sobre as almas”, “*a alma de Flechsig sobreviveu sob apenas uma ou duas formas e a de von W. (enfermeiro-chefe da casa de saúde) sob uma única, que em breve desapareceu completamente. As divisões da alma de Flechsig, que lentamente perderam tanto a inteligência quanto o poder, passaram então a ser descritas como o ‘Flechsig posterior’ e o ‘Partido ‘Oh, bem!’*” (Freud op. cit, p.59).

Vê-se que os ataques da parte psicótica de Schreber contra o conjunto de seu aparelho psíquico chega ao seu apogeu. A fragmentação crescente do objeto e do ego desvitaliza toda a personalidade: sombra de homem improvisado, pensamento agonizante nem vivo nem morto.

Se acompanhamos Bion nas suas formulações metapsicológicas, devemos considerar que o pensamento verbal em sua função de ligação desde suas formas mais primordiais constitui um alvo privilegiado dos ataques psicóticos, “pois se esse vínculo pudesse ser rompido, ou melhor, jamais ter sido forjado, então pelo menos a consciência da realidade seria destruída, mesmo se a realidade ela mesma não pode sê-lo. Mas em verdade a obra de destruição encontra-se já realizada pela metade, posto que o material a partir do qual o pensamento é forjado – no psicótico por um equilíbrio entre a introjeção e a projeção –, esse material não está mais disponível na parte psicótica da personalidade (...). A identificação projetiva não deixou ao paciente senão os objetos bizarros” (Bion, 1957, p.58).

Bion sugere que os processos de cisão se estendem aos vínculos no interior mesmo do processo de pensamento e são eles que são “daqui por diante atacados até que enfim não seja mais possível reunir dois objetos conservando intactas as qualidades intrínsecas de cada um, sempre produzindo, pelo fato de sua conjunção, um novo estado mental” (op. cit., p.59). Assim, a formação de símbolos torna-se difícil a partir disso.

Os ataques *àquilo-que-liga* e, em conseqüência, sua fragmentação em partículas ínfimas projetadas levam o psicótico a sentir-se “*cercado por vínculos ínfimos* que, estando no presente impregnados de crueldade, ligam os objetos uns aos outros de um modo cruel”.

Pode-se pois supor que em Schreber os vínculos fragmentados no interior do pensamento constituem os materiais para sua fantasia onipotente de “*calamidade de almas*”. Em seu delírio, a alma humana é contida nos nervos do corpo que são de uma extraordinária debilidade, comparáveis aos fios mais tênues: certas partes “Não ser-





vem senão à percepção sensorial, outros (os nervos do intelecto) realizam tudo o que é psíquico”. Os raios são infinitos ou eternos, dotados da capacidade de criar (metamorfoses em todo tipo de objetos de criação). Freud nota que o traço comum da condensação “nervos-raios” é sua forma linear e que são tão criadores quanto os “nervos espermatozoides”.

Em nossa opinião, esse amálgama seria o que restou do vínculo de conhecimento (vínculo -K) despojado de suas qualidades emocionais, esvaziado de seu sentido, na relação com um objeto semelhante àquele descrito por Bion cujas características seriam (em falta de expressão melhor) “as da ‘ausenciedade’ (absentéité): um objeto interno sem interior, um canal alimentar sem corpo”. Esse objeto constituiria um “superego” que não possui praticamente nenhuma das características do superego como o entendemos em psicanálise: é um “super-ego” (Bion, op. cit., p.119)

Para tratar da patologia do vínculo de conhecimento e antes de examinar a natureza do “superego” em Schreber, situemos a questão da *interiorização das experiências precoces*. Sobre esse tema Judith Shuttleworth (1985, p.45) observa que as lembranças/objetos concretos armazenados no psiquismo são dominados pelas experiências corporais intensas próprias do bebê, suas percepções do mundo físico exterior e sua apreensão rudimentar mais direta de um vínculo humano com sua mãe. Através do mecanismo de identificação projetiva realista – a primeira forma de comunicação entre o bebê e a mãe – aquilo com que a mãe entra em relação é a natureza dos estados psicossomáticos do bebê através de seu impacto sobre ela. Shuttleworth conclui que, à medida que o bebê se sente conhecido dessa forma pela mãe, ele se torna capaz de conhecer suas próprias capacidades psíquicas bem como as dos demais (op. cit. p.50).

O nascimento da aptidão para conhecer pelo aprendizado da experiência tem como modelo uma relação de tipo “comensal” no sentido que lhe dá Bion: “♀ e ♂ dependem um do outro para seu benefício recíproco, sem que um cause prejuízo ao outro (...). Essa experiência é fonte de benefício e crescimento mental para a mãe, assim como é fonte de benefício e crescimento para o bebê” (Bion, 1962, p.111).

O modelo do vínculo (emocional) de conhecimento é, pois, representado pelo desejo da mãe de compreender seu bebê e pela capacidade do bebê em despertar nela essa disponibilidade dispondo-se a ser conhecido. O vínculo K pode também representar a relação do indivíduo com ele mesmo na busca de sua verdade, ou a relação que se estabelece no par analista-paciente. É o que Bion nomeia a *função psicanalítica da personalidade*. O aprendizado pela experiência não pode ocorrer a não ser que o indivíduo aceite suportar a dor das experiências emocionais e da dúvida.

O vínculo -K (“menos” conhecimento) serve para evitar a dor das verdades





intoleráveis, o medo do desconhecido ou ainda para não se transgredirem os interditos. Ele “destrói o conhecimento em vez de promovê-lo” (...), quer dizer, “afirma a superioridade de poder da DES-aprendizagem (UN-learning)” (Bion, 1962, p.120).

A superioridade destrutiva do “supra-ego”⁴ de Daniel-Paul Schreber

Na sua conceituação do superego, Bion visava a uma parte do self do psicótico que vai além da noção do verdadeiro e do falso, do bem e do mal, noções inerentes ao superego como o conhecemos habitualmente. Tais dimensões estão ausentes nesse tipo de personalidade: seu superego opõe-se a todo desenvolvimento de base científica. Rege-se por uma moralidade pessoal, por normas e valores próprios colocados a partir de uma superioridade destrutiva. A *onipotência, a onisciência e a imitação* substituem o processo doloroso da aprendizagem pela experiência. “Na personalidade em que as pulsões de vida dominam, o orgulho se torna respeito por si mesma, naquela em que as pulsões de morte dominam, o orgulho se torna arrogância...” (Bion, 1972, p.97).

Tudo isso concede ao psicótico o direito de impor suas leis contra as da natureza e as da cultura. É assim que se comporta com ele o Deus de Schreber, em um registro tirânico que se afasta muito das implicações de um superego edípico, como Freud pôde conceber em sua época: “Estamos perfeitamente familiarizados com a atitude infantil dos meninos para com o pai; ela se compõe da mesma mistura de submissão reverente e insubordinação amotinada que encontramos na relação de Schreber com o seu Deus...” (S. Freud, op. cit. p.72).

A angústia que colore a relação de Schreber com seus objetos é de natureza persecutória. Meltzer considera que podemos descrever pelo menos seis formas diferentes. A instauração de uma angústia persecutória grave viria da formação de um objeto mau particularmente maléfico a partir da identificação projetiva e da fusão entre a parte má do self e o objeto mau: “Aqui temos o tirano, o verdadeiro tirano sádico a ser distinguido do progenitor ou superego puritano e rude. Talvez se trate do ‘supra-ego’ de Bion” (1987, p.58). Para Meltzer, essa forma de angústia persecutória deve distinguir-se da perseguição por objetos maus que parecem se excitar em exercer um controle tirânico, a frustração e a escravidão, o equivalente do superego freudiano. Nesse caso, não se trataria “do tipo de superego de papai Schreber que, pelo que consta, foi sádico com seus filhos, mas de bons “mamãe e papai” puritanos que pensam que quem ama bem castiga bem”.

4. Termo sugerido por D.E. Zimmermam.





Clarice M. Averbuck

Antes de Meltzer, Leon Grinberg estudou as qualidades da culpa persecutória (coexistente com a angústia do mesmo tipo) a ser diferenciada da culpa depressiva, em relação ambas com o sentimento e a experiência da depressão. Essa última comporta uma preocupação com o objeto e com o ego, sentimentos de pesar, de nostalgia e responsabilidade: parte do luto normal, sob ação do instinto de vida, as atividades sublimatórias e de reparação vêm à tona. (Grinberg, 1972, p.23). Na culpa persecutória, há uma sensação de perigo dirigida ao ego e um sentimento de dano (*real ou fantasiado*) já ocorrido. As emoções predominantes, além do medo de represália, são o desespero, o ressentimento, a dor. Mesmo se o pesar se faz presente, o medo o supera (op. cit. p.87 e 93). Willy Baranger (1976, p.176) comenta que Leon Grinberg desenvolve e aprofunda o conceito introduzido por Melanie Klein desde 1952 e desenvolvido por ela em 1957 (*Inveja e gratidão*): a culpa precoce seria consequência da inveja primária excessiva.

Em seu estudo (1991) sobre a obra de Bion, Leon Grinberg lembra que a personalidade psicótica descrita por ele se caracteriza pela presença de um “super-ego” que detém o poder de toda instância superegógica de despertar o sentimento de culpa, mas com a qualidade de uma culpa extrema (1991, p.43). As tentativas de suicídio do Presidente Schreber no-lo confirmam.

Segundo Bion, a característica mais importante de um tal superego é “o ódio que ele experimenta para com todo desenvolvimento novo na personalidade, como se esse desenvolvimento novo constituísse um rival a destruir” (1962, p.119).

Essa impossibilidade, ou ainda essa recusa e rejeição de todo aprendizado estão condensadas no estranho Deus de Schreber que não é capaz de extrair lições da experiência.

É o que Freud comenta (op. cit. p.44) a propósito de *Memórias*, dando a palavra a seu autor (p.186): “Devido a uma ou outra qualidade inerentes à sua natureza, parece impossível a Deus inferir quaisquer lições para o futuro da experiência assim obtida”. Freud acrescenta que a repetição do mesmo tipo de experiências atormentadoras, dos mesmos milagres e das mesmas manifestações através de vozes, sem nenhuma mudança, transforma o objeto tirânico em objeto de riso para o perseguido. Vê-se que, por uma reversão de posição, Deus, que foi o instigador de um complô urdido contra Schreber, – tratava-o como imbecil e lhe infligia as mais duras provocações –, torna-se um objeto de chacota e desprezo (“Deus me parece sobretudo ridículo e infantil”). Esse desprezo maníaco erige-se em defesa contra a angústia persecutória e a depressão e contribui para preservar o círculo vicioso destruidor.

Encontramos aqui referências que nos remetem à tríade de estados mentais presentes nas personalidades psicóticas segundo as observações de Bion (1957, p.97-104), *a arrogância, a estupidez e a curiosidade*; o orgulho dá lugar à arrogân-





cia, a ignorância promove a estupidez e a curiosidade transforma-se em intrusão. Sua presença, por referências dispersas e separadas umas das outras – prestando-se a que a relação entre elas corra o risco de passar despercebida – constitui um elemento patognomônico “de um desastre psicológico”.

Esse amálgama de arrogância, estupidez e intrusão produziu a natureza “bizarra” do Deus de Schreber, bizarria que se torna assim mais “inteligível” para a compreensão de seu delírio.

Transformações

“Um pintor vê uma senda serpenteando através de um campo salpicado de papoulas e decide pintá-la: numa extremidade desse encadeamento de fatos, há o campo de papoulas, na outra extremidade, uma tela cuja superfície foi recoberta de cores. Podemos reconhecer que a tela representa o campo; também poderia supor que, a despeito da transformação operada pelo artista a partir do que ele via para lhe dar a forma de um quadro, algo permaneceu intocado e que o reconhecimento depende desse algo. Eu chamaria de “invariantes” os elementos que tomam em consideração o aspecto intocado da transformação” (Bion, 1965).

É por essa unidade de pensamento que começa o capítulo 1 da obra de Bion, *Transformations – Change for learn to growth*. Utilizo a tradução francesa cujo subtítulo é *Passagem da aprendizagem ao crescimento*. Nessa tradução François Robert dá seu toque ao quadro: se a escolha da palavra “passagem” para exprimir a idéia de mudança (change) permanece fiel à noção de “invariante”⁵ descrita por Bion, a noção de ruptura com sua dimensão de violência e de subversão de um sistema ordenado (inerente às experiências de mudança) é ocultada. Essas noções serão tratadas por Bion em relação com a noção de *mudança catastrófica*: toda experiência de mudança e de crescimento desperta, em um nível profundo, uma vivência de catástrofe. Em diferentes contextos – a mente, os grupos, a sociedade, a sessão analítica – há sempre (segundo o modelo da relação continente-conteúdo) uma conjunção constante de acontecimentos específicos configurados por uma interação particular de vínculos em suas múltiplas possibilidades. Cada vez que essa conjunção estável se confronta com uma situação de mudança e crescimento, a situação altera-se e o clima de catástrofe instala-se.

Bion considera que a “resistência ao crescimento é endopsíquica e endogregá-

5. Como, por exemplo, a passagem da água do estado líquido ao gasoso – a invariante sendo H₂O, fenômeno que a física chama “sublimação”, ilustração proposta por D. Zimmerman.





Clarice M. Averbuck

ria; ela está ligada à turbulência no indivíduo e no grupo ao qual ele pertence ao longo de seu desenvolvimento” (Bion, 1970, p.73). Essa turbulência, Bion a compara a uma explosão. Considerando a psicanálise como parte do grupo de transformações, diz que “a experiência original (...) – no quadro do pintor, o objeto que ele pinta e, no caso do psicanalista, a experiência que consiste em analisar seu paciente – é transformada, pelo ato de pintar ou pela análise, em uma pintura ou em uma descrição psicanalítica (...). Uma interpretação é uma transformação” (Bion, 1965, p10). Por sua natureza, nós o lembramos, ela comporta uma violência.

Aqui reencontramos Piera Aulagnier (1975), que utiliza como Bion a metáfora do metabolismo celular para dar conta do trabalho operado pela mente em sua função de representação: o estado de encontro põe a mente na posição de ter que reconhecer a extraterritorialidade do objeto, informação não metabolizável pelo processo primário. Uma remodelação impõe-se pela própria mente para que ela possa apropriar-se de – ou incorporar – um material exógeno. A experiência de encontro confronta a atividade psíquica com um excesso de informação que ela “vai ignorar até o momento em que esse excesso vai obrigá-la a reconhecer que o que tomba fora da representação própria ao sistema retorna à mente sob forma de uma desmentida concernente à sua representação de sua relação com o mundo.” O que é verdadeiro para a fase inaugural (na qual se forja uma representação da junção boca-mamilo) “permanece verdadeiro para a totalidade de suas experiências” (op. cit., p.35-36) “(...) no momento em que a boca encontra o seio, ela encontra e traga um primeiro gole do mundo (...). Assiste-se, assombrado, à metamorfose que o fará sofrer a atividade do originário” (p.43).

Toda apreciação que se pretenda sobre a vivência e as possibilidades de organização da subversão psicológica, por ocasião das experiências de mudança, deve levar em conta, ao mesmo tempo, fatores quantitativos e qualitativos tanto internos quanto externos. Quando nos damos conta da importância da ação “*des-intoxicante*” da função continente parental pela elaboração intuitiva (rêverie) das emoções e das sensações de experiência original do bebê entregue a seus estados de necessidade e à emergência de suas pulsões, somos levados a incluir em nossas considerações sobre o indivíduo em crise, seja qual for sua idade, a importância das relações do meio ambiente e – no caso de uma cura – a importância também da pessoa do analista na evolução da crise. Nas relações, as identificações projetivas encontram terreno propício para se desdobrar. Seria arriscado antecipar a incidência dos aspectos catabólicos e dos aspectos anabólicos na “metabolização” da experiência psíquica.

Para Zimerman (op. cit., p.83-84), nesse espectro que vai de uma “parte psicótica” não manifesta da personalidade – absorvida pelos aspectos neuróticos e são do ego – até o extremo de uma franca esquizofrenia, o fator quantitativo tem um peso





importante, mas o fator qualitativo (a qualidade das identificações projetivas e o uso da forclusão são relevantes para se apreciar a gravidade de uma psicose). Sobre isso, André Green (1990, p. 80) assinala que o fator mais importante na determinação das condições psicóticas de um indivíduo não seria tanto a carga de suas pulsões agressivas quanto o grau de mecanismos de negação do conhecimento (-K), o grau máximo dessa defesa sendo o que os psicanalistas chamam forclusão (termo original de Lacan), caso em que a negação atinge um registro de ruptura com a realidade.

Segundo Bion (1965, p.13), “certos mecanismos psicóticos aparecem ao longo de um colapso mantido sob controle analítico, mas o analista pode ser levado a reencontrá-los após a ocorrência desse colapso ou porque algo se produziu, a despeito do trabalho do analista, que precipitou esse colapso no curso da análise”. Ele descreve a existência de um estado pré-catastrófico, em que “os sintomas hipocondríacos predominam, e um estado pós-catastrófico, em que “os elementos hipocondríacos são menos pregnantes”. Notando “a relação entre a violência e a mudança que resulta da passagem do pré ao pós-catastrófico”, sua opinião é que as invariantes próprias dos estágios pré e pós-catastróficos devem ser buscadas no “domínio representado pelas teorias da identificação projetiva, dos objetos externos e internos”.

Na clínica, constata-se que o que é, no estágio pré-catastrófico, designado pelo paciente como uma dor no joelho, no abdômen, etc., corresponde a fatos emocionais aparentemente externos e, do vértice do analista, designados como objetos internos. As dores hipocondríacas por ocasião da ruptura catastrófica disfarçam-se, em seu novo estágio, e assumem o papel de objetos externos, apresentando-se aos sentidos externos do analista e do paciente como pais angustiados, hospitais psiquiátricos, perseguições judiciais, etc. Essas *transformações* constituem as invariantes nas quais a dor passa de um estágio a outro nas experiências de mudanças catastróficas (Bion, 1965, p.15-16).

As mudanças catastróficas na história de Daniel-Paul Schreber

Toda idéia nova, seja qual for o contexto humano em que se inscreve, provoca uma reação de oposição em função de seu efeito subversivo na ordem do sistema em vigor e desperta sentimentos de desastre iminente.

Bion encontra nos mitos os modelos narrativos para estudar “as forças que se opõem às idéias novas”, nos diz Leon Grinberg (1983, p.129): nos mitos de Édipo, da Babel, do Éden, na história da morte de Palinurus (*Eneida*, canto V), encontra-se “o desejo do homem de conhecer e uma força que se lhe opõe, representada em geral por um Deus onipotente, que pune sua curiosidade com o exílio e a confusão das línguas.”





Fomos sensíveis às circunstâncias em que ocorreram as descompensações psicóticas do presidente Schreber, ambas nas situações de mudança que ele alcança evitar às custas do exílio de seu estado alienado e da confusão dos códigos em sua linguagem e comunicações. Segundo ele próprio, suas “doenças nervosas” começaram, cada vez, em seqüência de uma sobrecarga intelectual (quereria ele falar de um acréscimo de excitação e ruptura dos elementos de ligação com a ruptura do espaço psíquico de continência?): a primeira manifestação ocorreu por ocasião de sua candidatura ao Reichstag, a segunda, quando da posse de suas novas funções de Presidente da Corte de Apelações de Dresden (cf. *Mémoires*, p.34, in: Freud, op. cit., p.27).

Na leitura de *Três notas sobre o caso Schreber*, de W. Niederland (1951), encontramos essas mesmas observações sobre as circunstâncias do começo das duas doenças, nos momentos em que Schreber devia assumir um novo estatuto identitário e sobre a presença dos sintomas hipocondríacos severos – manifestações freqüentes nos estados pré-catastróficos descritos por Bion – denominador comum aos dois episódios. Niederland aprofunda, de modo muito oportuno, a relação psicodinâmica de Daniel-Paul Schreber com seu pai e faz uma análise do contexto sócio-político da Alemanha do fim do século último e das representações e dos sistemas de interação que impregnavam a relação de Daniel-Paul Schreber com o Reichstag.

O que queremos ressaltar no presente trabalho é o caráter disjuntivo dessas experiências de mudança na vida do Presidente Schreber. Nós todos podemos compreendê-lo...As experiências traumáticas que a reconstrução de sua história põe em evidência foram o leito de sua estrutura frágil.

A ruptura do espaço mental vivida como uma *explosão violenta* acompanha-se de um medo incomensurável, que tentamos denominar, como Winnicott (1970, p.121), de “*angústias inimagináveis*”: “*ir-se em pedaços, numa queda sem fim, morrer, morrer, morrer, perder toda a esperança de ver o contato se restabelecer*”. O estado que se segue, diz Bion, pode ser descrito pelo modelo do *choque cirúrgico*: “*O espaço mental é tão vasto comparado a não importa que realização do espaço em três dimensões, que a emoção do paciente se perde, porque se sente a emoção ela mesma escoar-se e perder-se na imensidade. O que pode aparecer, então, ao observador como pensamentos, imagens visuais e verbalizações deve ser considerado por ele como cacos, restos ou fragmentos de discurso imitado e de emoções sintéticas de histrião, que flutuam em um espaço tão vasto que seus confins, no tempo e no espaço, permanecem sem definição*” (1970, p.41-42).

Parece-me que não estamos longe do que Claude Janin chama *o colapso da tópica interna* – gerador de uma perda do sentido de realidade – no qual “o espaço psíquico e o espaço externo se comunicam de tal modo, que o aparelho psíquico não pode mais cumprir seu papel de continente do mundo interno”. (...) “Em tais circuns-





tâncias, o sujeito não sabe mais qual é a fonte de sua excitação, se é de origem interna ou externa. Evidentemente, isso é próprio de toda experiência traumática”.

Na interpretação de D. Liberman e E. Labos (1982, p.249-292), a *natureza traumática da interação dos vínculos precoces pais-criança* estaria na origem da estruturação infantil de Daniel-Paul Schreber, dando sentido aos episódios e ao funcionamento psicótico de sua personalidade. A relação complementar do par de pais – rígida e concordante – teria tido como efeito um despojamento da função afetiva materna, na medida em que os dois pais agiam a partir de um papel materno sádico. Com o pai ocupando o papel materno impregnado de sadismo, o corpo da criança e não somente seu espírito foram objeto dos impulsos destrutivos paternos. O vínculo construído pelo pai-mãe sádico teria fechado a criança em um sistema dual, bloqueando-lhe o acesso à triangulação edipiana. A construção delirante de Schreber, com a crença em sua transformação em mulher e mãe fecunda, pode ser compreendida como a recuperação “ilusória” das características de um vínculo parento-filial perdido (em nossa opinião, melhor dito, abortado).

O vértice posto em evidência por Liberman esclarece-nos para podermos dizer que o despojamento da função continente parece ter agido nos numerosos abortos da mulher de Schreber. Cada episódio reavivava os traumatismos originais: identificado projetivamente com o feto, ele próprio era abortado, ao mesmo tempo que se intensificava a inclusão do pai em sua posição psicótica, objeto interno aterrador e perseguidor com o qual também se identificaria.

Nas curas dos pacientes de funcionamento predominantemente psicótico (e, em diferentes graus, em todo tratamento, logo que se põem em ação os aspectos psicóticos da personalidade), as ameaças constantes de ruptura, de fragmentação, de abortamento aos quais está exposto o setting analítico nos levam a nos associarmos ao pensamento de Françoise Brette (1988) que observa que “*teorizar o traumatismo é um meio para o analista de se proteger da violência traumática, do sentimento por vezes de não existência ou ainda da perda dos sentidos que o faz experimentar seu paciente*”.

Comentários à guisa de conclusão

Bion (1963, p.64) considera que “o crescimento depende da capacidade de colocar em jogo os componentes sociais e narcísicos da situação edipiana”. Nos movimentos de crescimento mental, a aprendizagem repousa sobre a capacidade do indivíduo de permanecer íntegro, aceitando perder alguma coisa, “alguma coisa” essa que não tem nada de banal e que, por vezes, condensou para ele o que julgava assegu-





Clarice M. Averbuck

rar-lhe a integridade. A experiência da dor revela-se incontornável, e o problema que se coloca ao indivíduo é o da tolerância ao sofrimento inerente às transformações. Bion comenta sobre isso (1970, p.30) que o paciente que não quer sofrer dor (conseqüentemente não podendo descobri-la) não alcança tão pouco “sofrer” o prazer. Remetemos à etimologia da palavra sofrer, em latim vulgar, *sufferire*, em latim clássico, *suffere*, de *ferre*, *suportar*.

Com Leon e Rebeca Grinberg (1993, p.79), pensamos que “face às mudanças, o indivíduo reage não somente com angústia diante da nova situação, mas também com sentimentos depressivos, visto que as mudanças significam a perda dos vínculos do passado (luto do objeto) e ainda a perda dos aspectos do próprio self (luto do self). (...) Os sentimentos depressivos para as perdas do self fazem parte dos fenômenos da ‘psicopatologia da vida cotidiana’ sob a forma de *microdepressões e microlutos* que devem ser gerados para que as elaborações concernentes às perdas objetais possam ser enfrentadas” (op. cit., p.87).

Mas se os desregramento ao longo das situações de mudança constituem-se na *condição* para o crescimento mental, eles no entanto não o garantem. Em Schreber, o mínimo que podemos dizer é que sua história não lhe deixou muita escolha. Nutrido pelas mentiras de um “vínculo de forclusão”, sua energia desdobrou-se de modo compulsivo a serviço da repetição. Com sua mente confundida com um esfíncter, ele se consagra a uma atividade de des-aprendizagem (*unlearning*), a uma vontade de desprezo. Devido a sua construção delirante, seu modo de aproximar-se do mundo privou-o mais e mais de um sentimento de identidade, a verdade não podendo representar o papel que lhe é próprio de alimento psíquico. Uma privação de verdade, diz Bion, arrasta consigo uma deterioração da personalidade; em pessoas esquizóides nas quais o superego parece ter-se desenvolvido antes do ego e negado a esse seu desenvolvimento, isto é, sua existência, opera-se um desenvolvimento defeituoso do princípio de realidade, a exaltação de uma concepção “moral” e uma ausência de respeito para com a verdade (1965, p.48).

Para Schreber, os *traumatismos* pesaram como “rocha”. Se tentados a nos perguntar como teria sido se as coisas tivessem ocorrido diversamente, jamais o saberíamos. Seria preciso inventar uma outra infância, uma outra história, um outro mundo, uma outra vida. Lote de todos nós, ele não tinha senão a sua para viver. E encontrou a solução psicótica pela encenação *do assassinato de alma*. Em seu cenário, os atores tinham diversas vidas e mesmo diversas mortes. Suas dores tomaram a forma de estilhaços, mas também tomaram formas – ou vozes – grandiosas. Ele borra as fronteiras do dentro e do fora e quase alcança abolir o tempo. Dizemos “quase” porque não podemos saber o *quanto* e o *que* ele guardou intacto na sua relação com a realidade e com ele mesmo, tão pouco avaliar o montante dos seus esforços e de suas





expectativas de uma relação de comunicação...

Pensamos aqui nas palavras de J. Gammill (1972, p.62), que considera que, mesmo nos sonhos de “evacuação” – para nós protótipo da relação de Schreber com seu texto – “há uma parte, por mínima que seja, que espera comunicar alguma coisa a um objeto receptivo”. É, de algum modo, a questão levantada por Hélène Jungian-Perez neste seminário, centrada na escritura de *Memórias*. De toda a maneira, a onipotência do Presidente do Tribunal da Corte de Apelações não nos escondeu o desamparo da criancinha, não aquele da criança de antigamente – questão que não se coloca, visto ser desvendada pelos documentos que permitiram a reconstituição de sua história – mas o *desamparo do bebê no adulto*. É esse desamparo que nos cabe acolher e sobre ele refletir em nosso ofício de analistas. Logo que tal escuta se afina, pode-se reconhecer e asilar as partes psicóticas e as vivências primitivas de nosso paciente, buscando ajudá-lo a utilizar seus próprios e mais íntegros aspectos para observá-los e compreendê-los – *função psicanalítica da personalidade*.

Trabalho de paciência e de incertezas a ser renovado a cada instante, na espera desses momentos privilegiados de comunicação nos quais um bom objeto e uma boa relação poderão ser introjetados. Momentos criadores podem, por vezes, mudar o curso de uma situação de impasse ou ser armazenados sob a forma embrionária de uma relação de confiança. Como diz Annik Comby, deve-se conservar no espírito que “todas as tentativas que os bebês podem fazer para comunicar-se estão, seguidamente, bem além das possibilidades do adulto de encontrá-las como formas de expressão e de, eventualmente, a elas responder. *Isso leva tempo...*” (1990, p.57-58).

Conservamos também no espírito, como Melanie Klein o sublinhou em 1934, as diferenças entre as angústias psicóticas do desenvolvimento na criança e a psicose no adulto. Na criança, por exemplo, pode se produzir uma mudança rápida de uma angústia persecutória ou de um sentimento de desespero depressivo para uma atitude dita normal, mudança que é característica da criança. Com efeito, a oscilação constante na primeira infância entre as posições esquizoparanóide e depressiva, isto é, entre as tendências à dispersão e as tendências à integração, obedecem a uma coerência interna na lógica do desenvolvimento, uma dando sentido à outra. Pensamos, por exemplo, na função organizadora da cisão nas etapas precoces, que prepara a capacidade de discriminação e permite a preservação da relação com o objeto bom, cuja solidez vai contribuir em seguida à instalação dos processos de integração. Na criança, desde que as condições propícias se instalem, as forças de integração operantes paralelamente aos estados caóticos reinstalam um equilíbrio rompido e favorecem o aprendizado da experiência.

Nos psicóticos, além das regressões e das fixações nos mecanismos da fase esquizoparanóide, nos confrontamos – como observa J. Gammill na sua apresentação





Clarice M. Averbuck

de *Estados psicóticos*, de Rosenfeld – com variedades anormais da cisão, com alterações patológicas do funcionamento precoce do ego e com estados confusionais extremos (1976, p.10). Rosenfeld, na mesma obra, sublinha as pressões constantes do paciente psicótico sobre o analista para que ele renuncie à abordagem analítica. Sobre isso, ele adota por princípio que, se não alcança contato com o paciente por suas interpretações, não é a técnica que se encontra em causa, mas sua *compreensão do* que se passa na situação de transferência (op. cit., p.17).

É preciso considerar a complexidade das relações que se estabelecem entre as partes sãs e psicóticas da personalidade. Para a organização psicótica, como observa J. Steiner (1993, p.110), “uma das principais ameaças contra sua hegemonia é constituída pela parte sã do paciente, e essa, com freqüência projetada, é representada pelo analista e seu trabalho”.

Isso nos parece muito importante também do ponto de vista da técnica. Pensamos que as interpretações concernentes aos ataques do paciente dirigidos ao setting, a seus objetos (internos e externos), a ele mesmo, não podem ser eficazes a não ser que possamos ao mesmo tempo constatar e pôr em evidência seus próprios aspectos sãos, seus movimentos (bem-sucedidos ou fracassados) de ligação com a vida.

Freqüentemente somos os portadores desses aspectos: a projeção sobre o analista empobrece o paciente, reforçando sua culpabilidade e destrutividade e nos transforma em figuras ao mesmo tempo ideais e persecutórias. O narcisismo do analista pode aqui, em particular, cegá-lo por ocasião dos tratamentos de certos pacientes difíceis.

A Bion a penúltima palavra

“Desde que eu ouço repetir ‘Sim, eu sei’, ou ‘Você sabe bem’, isso me entristece, pois eu adivinho o trabalho que terei para obter ou para comunicar o que eu queria saber ou comunicar. Parece haver nisso tão pouco lugar para o que não se sabe, visto que todo mundo o sabe, eu inclusive. A escavação desse saber toma quase a forma de uma operação arqueológica, com a esperança de se descobrir um pensamento desaparecido, talvez mesmo uma pérola de sabedoria” (Bion, 1977, p.45).

Esse fragmento faz parte dos textos que deviam provavelmente constituir os primeiros capítulos de um livro que Bion não acabará. Foram publicados no ano passado, vinte e um anos após terem sido escritos, sob a direção de Francesca Bion, em um livro intitulado *Taming wild thoughts*, traduzido por M. C. Réguis como *Pensamento selvagem, pensamento domesticado*. Nesse mesmo texto, ele vai dizer que “lhe parece valer a pena preservar a experiência analítica, a verdadeira coisa, a coisa





fundamental, e comunicá-la a outro na semana próxima, no ano próximo, no século próximo e mesmo por vários séculos – não para informar, mas para fazer ver que tipo de direção tomavam nossos pensamentos e seres e que outros tomarão ainda por um longo tempo, na medida em que estarão ainda lá para vê-la” (p.56).

Na mestiçagem das filiações da cultura psicanalítica, não podemos precisar com exatidão o nome e o endereço dos mestres dos *pensamentos selvagens* que guardamos em nós e que estão na origem dessas reflexões sobre a capacidade de pensar, nem seu número ou o lugar que ocuparam nas nossas aprendizagens da experiência. Supomos que os pensamentos flutuantes, vagabundos, se fecundam uns aos outros, mas que alguns permanecem adormecidos, apenas silenciosos, como alguém que aguarda os primeiros sinais da aurora. Pode ser que, logo que amanheça, um dentre eles nascerá, mas isso não é o mais importante...“*basta que eles estejam presentes*”.⁶

A última palavra

“Não precisamos nos perturbar pelo fato de não se utilizar, no Bloco Mágico, dos traços permanentes das notas recebidas; basta que elas estejam presentes” (Sigmund Freud, 1924, *Uma Nota sobre o Bloco Mágico*)

Summary

From the analysis of the 1911 Freud’s article regarding the *Schreber’s case*, the author discusses about the metapsychological concepts of psychotic structures by trying to give a meaning to the “*murder of soul*” fantasy - a core element of Daniel-Paul Schreber’s mystical delirium, author of “*Memoirs of a nevroth*”, by using as a reference psychoanalytical concepts of Wilfred Bion. Considering the generative quality of emotions – fuel for psychic life – it is underscored the importance of the nature of the early interactions at the origins of both the formation of thought and the phenomena which are consubstantial to the deterioration of Schreber’s thinking capacity. Therefore, from the vertex of W. Bion’s theories of thought and knowledge, the phenomena that seem to imply the deterioration of Schreber’s thinking capacity

6. Ver S. Freud, *O Bloco Mágico*.





Clarice M. Averbuck

are being studied: the attacks on the links, the anti-emotion elements which hinder the experiences of growth, poison his spirit, *mortifying his soul* by imprisoning him in a noxious circle of compulsive obedience to a destructive *supra* ego. Through the analysis of the concept of “transformations”, there is an examination of both the subversive action of news ideas and the catastrophic effects of change, which constitute a triggering factor of psychotic decompensation in its fragile structure, marked by the traumatic nature of the early links with the two parents. Studying the psychotic parts of the personality leads openly towards questions of clinical and technical interest for the analyst and solicits him in his negativity to receive the primitive aspects of his patient, which also contain his desire to live and to communicate.

Referências

- ANZIEU, D. (1985). *Le Moi-peau*. Paris: Dunod.
- AULAGNIER, P. (1975). *La violence de l'interprétation. Du pictogramme à l'énoncé*. Paris: P.U.F., 1991.
- BARANGER, W. (1976). *Position y objeto en la obra de Melanie Klein*. Buenos Aires: Kargieman.
- BICK, E. (1967). “L'expérience de la peau dans les relations d'objet précoces”. In: *Les écrits de Martha Harris et d'Esther Bick*, dir. de M.H. Williams, Paris: Hublot, 1998.
- BION, W. (1956). “Le développement de la pensée schizoïde”. In: *Réflexion faite*. Paris: P.U.F., 1953.
- _____. (1957). “Différentiation des personnalités psychotique et non psychotique”. In: *Réflexion faite*. Paris: P.U.F., 1983.
- _____. (1957). “L'arrogance”. In: *Réflexion faite*. Paris: P.U.F., 1983.
- _____. (1959). “Attaques contre la liaison”. In: *Réflexion faite*. Paris: P.U.F., 1983.
- _____. (1962). *Aux sources de l'expérience*. Paris: P.U.F., 1979.
- _____. (1963). *Eléments de psychanalyse*. Paris: P.U.F.
- _____. (1965). *Transformations. Passage de l'apprentissage à la croissance*. Paris: P.U.F., 1982.
- _____. (1970). *L'attention et l'interprétation*. Paris: Payot, 1974.
- _____. (1977). “Sans titre”. In: *Pensée sauvage, pensée apprivoisée*, sous la direction de F. Bion. Paris: Hublot, 1998.
- BOTELLA, C. et S. (1982). “Sur la carence auto-érotique du paranoïaque”. *Revue Française de Psychanalyse*, 1, p.63-79.
- BRETTE, F. (1988). “Le traumatisme et ses théories”. *Rev. franç. psychanal.*, n°6/1982, p.1259-1284.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. (1966). “Notes de lecture en marge de la révision du cas Schreber”. *Rev. franç. psychanal.*, n°1 /1966, p.41-61.
- COMBY, A. (1990). “L'approche psychanalytique de l'observation du nourrisson dans la famille”. In: *Le nourrisson et sa famille*. CAREL, A., HOCMANN, J. et VERMOREL, H. Lyon: Césura.
- FREUD, S. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia paranoïdes). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. V. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1972, 15-108.





Um ensaio de interpretação do "Assassinato de alma" a partir do quadro teórico de Wilfred Bion

- _____. (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. V. XII. Rio de Janeiro, Imago, 1972, 147-159.
- _____. (1924 [1925]). Uma nota sobre o bloco mágico. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. V. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1972, p.283-290.
- GAMMILL, J. (1972). "Réflexions sur l'écoute psychanalytique et l'écran du rêve". In: *A partir de Melanie Klein*. Lyon: Césura, 1998.
- GREEN, A. (1983). *Narcissisme de vie – Narcissisme de mort*. Paris: Les Editions de Minuit.
- _____. (1990). *Conferências brasileiras de André Green*. Rio de Janeiro: Imago.
- GRINBERG, L. (1972). *Culpa y depresión. Estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós, 1978.
- _____. (1983). "Enfoque de las psicosis desde el vértice de Bion". In: *El psicoanálisis es cosa de dos*. Valencia: Promolibro, 1996.
- _____. (1984). "Dimensiones metapsicológicas y clínicas del pensamiento de Wilfred Bion". In: *El psicoanálisis es cosa de dos*. Valencia: Promolibro, 1996.
- _____. (1991). *Nueva introducción a las ideas de Bion*. Madrid: Colección Continente / Contenido.
- GRINBERG, L. et GRINBERG, R. (1993). *Identidad y cambio*. Barcelona, Buenos Aires: Paidós.
- JANIN, C. (1996). *Figures et destins du traumatisme*. Paris: P.U.F.
- KLEIN, M. (1934). "Contribution à la psychogenèse des états maniaco-dépressifs". In: *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, 1968.
- _____. (1946). "Notes sur quelques mécanismes schizoïdes". In: *Développement de la psychanalyse*. Paris: P.U.F. 1996.
- _____. (1952). "Quelques conclusions théoriques au sujet de la vie émotionnelle des bébés". In: *Développement de la psychanalyse*. Paris: P.U.F., 1966.
- LIBERMAN, D. et LABOS, E. (1982). "Acerca del caso Schreber. Consideraciones sobre su programación desde la perspectiva vincular". In: *Fantasia inconsciente y estados psicóticos*. Buenos Aires: Kargieman.
- MAZET, Ph., HOUZEL, D. (1996). *Psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent*. Paris: Maloine.
- MELTZER, D. (1978). "Signification clinique de l'œuvre de Bion". In: *Le développement kleinien de la psychanalyse: Freud – Klein – Bion*. Paris: Bayard, 1994.
- MELTZER, D. (1978). *Le développement kleinien de la psychanalyse – L'évolution clinique de Klein*. Paris: Bayard, 1994.
- NIEDERLAND, W. (1951). Trois notes sur le cas Schreber. In: *Le cas Schreber, Contributions psychanalytiques de langue anglaise.*, direction de J. LAPLANCHE. Paris: P.U.F., 1979.
- PEREZ SANCHEZ, M. (1994). "L'observation des bébés – Réflexions sur la naissance de la pensée, son importance pour le développement émotionnel et la clinique". In: *L'observation du nourrisson selon Esther Bick*. Lyon: Césura.
- RASCOVSKI, A. (1970). "La matanza de los hijos". In: *La matanza de los hijos y otros ensayos*. Buenos Aires: Kargieman, 1975.
- ROSENFELD, H. (1976). *Etats psychotiques*. Paris: P.U.F.
- SANDRI, R. (1991). *La maman et son bébé: un regard*. Lyon: Césura.
- SEGAL, H. (1981). "La fonction des rêves". In: *Délire et créativité*. Paris: Ed. des femmes, 1981.
- _____. (1993). "Espace mental et éléments du symbolisme". In: *Rêve, art, fantasme*. Paris: Bayard.
- SHUTTLEWORTH, J. (1989). "Théorie psychanalytique et développement de l'enfant". In: *L'observation attentive des bébés*. Larmor Plage: Hublot, 1997.
- STEINER, J. (1993). *Retraits psychiques – Organisations pathologiques chez les patients psychotiques, névrosés et borderline*. Paris: P.U.F., 1996.
- WHITE, R. (1961). Le conflit avec la mère dans la psychose de Schreber. In: *Le cas Schreber – Contributions psychanalytiques de langue anglaise.*, direction de J. LAPLANCHE. Paris: P.U.F., 1979.





Clarice M. Averbuck

WINNICOTT, D. W. (1970). “Dépendance et soins maternels”. In: *Le bébé et sa mère*. Paris: Payot, 1992.
ZIMERMAN, D.E. (1995). *Bion da teoria à prática – Uma leitura didática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Tradução de **Clotilde Favalli**

Revisão técnica de **Paulo Henrique Favalli**

Clarice M. Averbuck
54, Rue Duquesne
69006 – Lyon – França
E-mail: c.averbuck@wanadoo.fr

© Revista de Psicanálise – SPPA

